

## Eternamente jovem

---

Tem o entusiasmo jovial de quem ama a profissão. De quem talvez nunca se sentisse realizada a fazer outra coisa que não ensinar. Um dia alguém lhe disse que ser professor era "ser sempre jovem". Ela acredita piamente que sim: "Estou sempre a par da música, dos gostos e da gíria dos mais novos. Por isso acho que vou envelhecer sem perder a noção do que é a juventude, isso não é um privilégio?? A questão fica no ar. Mas o sorriso assertivo de Cláudia Monteiro, professora de Português e Inglês no Grande Colégio Universal do Porto, não deixa dúvidas quanto à resposta.

A vontade de ser professora surgiu da admiração que sentia por quem a ensinava. Razão pela qual acredita que o professor deve "ser um modelo de conduta" para os alunos. É isso que tenta ser. Porque entende que a sua função vai muito além do ensino das línguas: "A matéria que ensino nas aulas os alunos podem lê-la nos livros, aquilo que eu sou, o modo como estou e os valores que defendo só os podem "ler" em mim".

Aos 25 anos, Cláudia considera-se uma pessoa de "sorte" por ter começado a dar aulas no colégio logo após a profissionalização, há dois anos. Como qualquer outro professor, aspira a mais estabilidade profissional: "O ideal seria a efectivação?", observa. "Mas estou a fazer o que gosto e ainda sou remunerada?", esclarece dizendo que isso já a faz sentir uma "privilegiada".

Sobretudo quando pensa na instabilidade e no desemprego típicos da classe docente. "Ver os colegas de curso a trabalhar em lojas de telecomunicações é das coisas mais revoltantes que pode existir", lamenta Cláudia. Na sua opinião a situação deriva de um "contra-senso" existente no sistema de colocações no ensino público. E que tem a ver com a concorrência entre professores formados em universidades privadas e públicas. Por isso a professora aponta o dedo ao Ministério da Educação.

"Partindo do princípio que os professores que se formam nas universidades privadas não tiveram média para entrar nas públicas, como é que no final dos seus cursos eles conseguem ter médias altíssimas e ser colocados no ensino público?? A questão não é nova. Mas, assegura Cláudia, está a criar "atritos" entre professores. E a aumentar o clima de competitividade.

Apesar de não ter encontrado grandes diferenças entre o que julgava ser ensinar e a prática do ensino, Cláudia ficou desiludida com um dos aspectos da profissão. "Achei que os professores trabalhavam mais em conjunto, porque foi essa a experiência que tive a quando o meu estágio." Outra das coisas que a incomoda é perceber que "ainda há muita gente a pensar que ser professor é ter três meses de férias". A professora contesta: "Passo metade dos meus fins-de-semana a trabalhar."

A vida familiar de Cláudia fica ainda mais condicionada pelo facto de o marido ser também professor. Os "TPC"s de ambos obrigam a uma "gestão cuidada". O tempo de corrigir testes e preparar aulas tem de ser sincronizado. "Temos de ter dois computadores?", explica sem dramatismos. "Mas somos um casal com sorte: gostamos de ensinar e isso realiza-nos. E para mim não há nada mais gratificante do que ouvir um aluno dizer aos pais: Esta é a minha professora!?"